

# PEQUEÑOS\* PANTANEIROS: ADESÃO E PERMANÊNCIA EM UM PROJETO DE EXTENSÃO DE ATIVIDADES CIRCENSES PARA CRIANÇAS

## PEQUEÑOS PANTANEIROS: ADHERENCE AND PERMANENCE IN AN EXTENSION PROJECT OF CIRCUS ACTIVITIES FOR CHILDREN

Submissão:  
03/10/2023  
Aceite:  
19/12/2023

Paulo Guilherme Brittiz Stral<sup>1</sup>  <https://orcid.org/0009-0000-8600-9679>

Vinicius Cabral Gonzales<sup>2</sup>  <https://orcid.org/0009-0000-7990-0906>

Rogério Zaim-de-Melo<sup>3</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-0365-6000>

### Resumo

O Pequeños Pantaneiros é uma ação de extensão do Campus do Pantanal (CPAN) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) de atividades circenses para crianças. O presente artigo tem como objetivos: geral - avaliar as ações realizadas nos Pequeños Pantaneiros; e específicos -: compreender os motivos de adesão e permanência ao projeto sob a ótica dos monitores e dos responsáveis pelas crianças; e verificar qual a modalidade circense preferida pelas crianças. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. Constatou-se que tanto para os responsáveis quanto os monitores a permanência das crianças está ligada ao caráter lúdico das atividades; quanto à adesão, não houve unanimidade nas respostas. Para os responsáveis, os motivos foram: combinar atividade física com atividade circense; interesse da criança no circo; e necessidade de a criança realizar atividade física. Já para os monitores, a adesão esteve relacionada com a gratuidade do projeto. Quanto ao projeto como um todo, é possível afirmar que ele foi bem aceito, mas precisa de ajustes, principalmente no tocante à rotina, um item importante para a criança.

**Palavras-chave:** Circo; Criança; Ludicidade; Atividade Circense; Atividade Extensionista;

\* O Campus do Pantanal encontra-se na fronteira com a Bolívia, e a utilização do termo “pequeños” é uma referência a criança boliviana.

<sup>1</sup> Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS [pauloguilherme736@gmail.com](mailto:pauloguilherme736@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmico do Educação Física da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS [vinnicabral10@gmail.com](mailto:vinnicabral10@gmail.com)

<sup>3</sup> Docente do curso de Educação Física e dos Programas de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços - PPGEFron e em Estudos Culturais - PPGEcult da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS [rogerio.melo@ufms.br](mailto:rogerio.melo@ufms.br)

## Abstract

Pequeños Pantaneiros is an outreach program run by the Pantanal Campus (CPAN) of the Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS), offering circus activities for children. This article aims to: evaluate the activities carried out at Pequeños Pantaneiros; and understand the reasons for adherence and permanence in the project from the perspectives of the monitors and those responsible for the children; and to discover the children's preferred circus activity. This research is qualitative and based on a case study. Data shows that both the responsible parties and the monitors link the children's continued participation to the playful nature of the activities. As for adherence, replies were not unanimous. For the responsible parties, the reasons included: combining physical activity with circus activity; the child's interest in the circus; and the child's need for physical activity. For the monitors, adherence was linked to the project's gratuity. Regarding the project as a whole, it can be said that it was well-received, but adjustments are needed, especially concerning routine, an important element for children.

**Keywords:** Circus; Children; Playfulness; Circus Activity; Extension Activity;

## Introdução

*Uma pirueta  
Duas piruetas  
Bravo, bravo  
Superpiruetas  
Ultrapiruetas  
Bravo, bravo  
(Chico Buarque)*

O imaginário infantil e o universo circense sempre andaram juntos (Vasques; Garbelini; De Marco, 2019), ambos usam e abusam da fantasia; no caso da criança, mediante o “faz de conta”, uma das maneiras de se conhecer o mundo que a rodeia (Zaim-de-Melo; Soares; Martins, 2021). Já o circo cria um universo mágico, onde o ser humano é capaz de realizar peripécias jamais imaginadas (Tyska; Krombauer, 2022): voa-se em um trapézio, equilibra-se em um fio de arame, contorce-se a ponto de caber em uma mala.

O circo está presente na história da humanidade há muitos séculos (Viveiros de Castro, 2005) e tem desenvolvido uma forma de arte que se conecta com diversas manifestações estéticas, culturais, técnicas e sociais ao longo do tempo (Lopes; Silva, 2014). No âmbito educacional, apresenta ferramentas valiosas, oferecendo aos educadores a possibilidade de levar para crianças e adolescentes contribuições específicas no que diz respeito à expressão corporal e ao aspecto lúdico (Bortoleto; Pinheiro; Prodócimo, 2011), ao mesmo tempo que lhes permite explorar o rico patrimônio cultural da humanidade (Duprat; Perez-Gallardo, 2010).

Entretanto, para se apropriar dessas ferramentas, devemos deixar o ensino do circo para escolas especializadas. O ensino da prática corporal relacionada a esse universo chama-se atividade circense (Bortoleto, 2011), as quais têm o poder de despertar nas crianças o interesse em explorar, construir novas expressões corporais, impulsionar a autoconfiança e a curiosidade, incentivando-as a criar suas próprias maneiras de se expressar, estimulando a construção de uma imaginação inspiradora e motivadora (Silva, 2015).

As formas artísticas desenvolvidas por meio das atividades circenses oferecem às crianças a chance de expressar suas emoções, vivenciar experiências inéditas e fortalecer sua autoestima. Esse fenômeno se manifesta quando elas reconhecem que têm a capacidade de se envolver em atividades artísticas e contribuir para a criação cultural, promovendo, assim, a crença em suas próprias habilidades e potencialidades (Caramês; Krug; Telles; Silva, 2012).

Quando as crianças se envolvem com as atividades circenses e exploram suas diversas facetas, elas desbravam um território fértil para a criação de composições imaginativas e extraordinárias envolvendo seus corpos (Silva, 2015). As atividades circenses oferecem um ambiente repleto de potencial pedagógico, capaz de despertar a imaginação e o encanto.

Movimentos, formas, texturas, sons e materiais combinam-se para dar vida aos significados associados ao circo, tanto como uma forma de arte quanto como meio de expressão corporal que se conecta com o mundo. Neste sentido, no circo, valores essenciais para a cidadania e o processo de humanização podem ser cultivados. A cooperação, a celebração, o respeito e o autocuidado, bem como o cuidado com os outros são elementos que florescem nesse universo. Além disso, a magia, a alegria e os sonhos têm o poder de despertar nas crianças (Lima; Martins; Oliveira, 2022).

Existem mais de 300 modalidades circenses (Bortoleto, 2011) que oferecem um amplo leque de experiências enriquecedoras, que englobam os aspectos cognitivos, emocionais e motores, e, simultaneamente, possibilitam a exploração de aspectos dessa cultura secular (Duprat; Barragan; Bortoleto 2014). Além disso, as modalidades circenses proporcionam uma oportunidade valiosa para fomentar interações sociais e destacar a relevância do circo como parte fundamental da cultura infantil (Vasques; Garbelini; De Marco, 2019).

Para Lima, Martins e Oliveira (2022, p.387):

O circo como assunto significativo, propicia o resgate de culturas muitas vezes esquecidas e apagadas pela propagação das tecnologias e novas formas de entretenimento. Muitas crianças, atualmente, perdem o gosto pelo brincar, e acabam entrando precocemente no mundo virtual. O circo pode apresentar valores culturais para as crianças brincarem para além das mídias e tecnologias, assim, constituindo-se parte do universo infantil para despertar magia, alegria e sonhos em nossas crianças.

Diante das possibilidades que a atividade circense pode proporcionar à criança, cujo ser e existir no mundo estão profundamente ligados ao seu corpo, que é vibrante e vive suas aventuras, descobertas e experiências de maneira visceral, repleto de curiosidade, entregando-se às descobertas e desafiando normas, o projeto *Pequenos Pantaneiros* foi concebido. Este projeto é respaldado na compreensão de que a criança muitas vezes busca escapar da rigidez da vida social, frequentemente definida por normas estritas, disciplina e controle (Lira; Krombauer, 2022). Além disso, o projeto nasce em resposta à demanda da comunidade interna e externa do CPAN/UFMS, que clamava por uma ação de extensão destinada ao público infantil.

O presente artigo tem como objetivo geral avaliar as ações realizadas nos *Pequenos Pantaneiros*.

ros; e como objetivos específicos, compreender os motivos de adesão e permanência a essa ação de extensão sob a ótica dos monitores do projeto e dos responsáveis pelas crianças; e verificar qual a modalidade circense preferida pelas crianças.

### **Pequeños Pantaneiros**

A ação de extensão *Pequeños Pantaneiros*, que conta com apoio da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Esportes (PROECE/UFMS), é um projeto de atividades circenses pensado para atender crianças na faixa-etária entre 4 e 10 anos. Foram oferecidas 20 vagas, que foram preenchidas no primeiro dia das inscrições. O número reduzido de vagas se deu por duas razões: 1. Ser um projeto experimental; e 2. Adequar a relação monitor/criança, trabalhando-se com o número 1/7, ou seja, um monitor para cada sete crianças. As atividades acontecem uma vez por semana, com a duração de uma hora e meia.

Após as férias de julho, foram necessárias mudanças no dia que o projeto era oferecido, para adequar aos horários das aulas dos monitores na universidade. Em vista disso, houve a evasão de algumas crianças, tendo permanecido 8 participantes (Figura 1)<sup>1</sup>.

Figura 1. Os sobreviventes



*Fonte: Acervo dos autores*

As atividades acontecem no Laboratório de Ensino e Pesquisa de Cultura Lúdica, Circo, Educação Física e Esporte (CLUCIEFE), que possui uma área construída de 340m<sup>2</sup> e conta com os se-

<sup>1</sup> Quando os responsáveis fizeram a inscrição das crianças no projeto, foi-lhes apresentado um Termo de autorização do uso da imagem das crianças, quer seja para divulgar o projeto ou em artigos científicos. Os monitores também autorizaram o uso da sua imagem.

guintes aparelhos: um tecido acrobático; uma lira; dois conjuntos de tatames de 36m<sup>2</sup> cada; quatro colchões tipo *sarneige* (colchão de espuma aglomerada indicado para atividades que necessitam de amortecimento); um minitrampolim e um colchão tipo gordo (3,00 x 1,90m com 30cm de espessura) para aterrissagem de saltos; um *rackslack* para prática de *slackline* (com 4m de comprimento e 40cm de altura, a partir do solo), .

O laboratório conta, também, com materiais de pequeno porte à disposição para as aulas: lenços, bolinhas, aros e claves para malabares, diabolô, *devil sitck*, *swing poi* e *swing flag*, *cigar box*, pernas de pau e rola-rola. As aulas foram planejadas incorporando a adaptação e a modernização dos conhecimentos circenses e suas tradições, com ênfase especial nas abordagens pedagógicas.

Dessa forma, procuramos cultivar um método de ensino/aprendizagem gratificante, cultivando o entusiasmo pela prática por meio de propostas lúdicas, que priorizavam a satisfação da experiência em detrimento das normas ou das complexidades técnicas (Duprat; Barragan; Bortoleto, 2014).

A primeira turma, que serviu como piloto, teve a duração de cinco meses. As atividades foram organizadas por nível de complexidade (Quadro 1): primeiro, atividades circenses realizadas apenas com o corpo da criança; depois, habilidades manipulativas, e por último atividades aéreas, utilizando os jogos circenses como metodologia de ensino (Bortoleto; Pinheiro; Prodócimo, 2011). No final de cada aula, era realizada uma roda de conversa com as crianças para avaliar as atividades executadas. Semanalmente, a equipe se reunia para o planejamento, sempre se apropriando do que foi dito nas rodas.

Segundo Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo (2011), os jogos circenses são aqueles desenvolvidos para atender às dinâmicas e aos princípios das modalidades circenses. São eles: 1. *jogos malabarísticos* – auxiliam no desenvolvimento das habilidades necessárias para a manipulação de objetos; 2. *jogos funambulescos* - “baseados no equilíbrio corporal sobre objetos diversos (arame, bolas, rola-rola, monociclo, perna de pau etc.), caracterizando a ação dos funambulistas de circo e jogos acrobáticos” (Bortoleto; Pinheiro; Prodócimo, 2011, p. 23); e, 3. *jogos acrobáticos* – auxiliam na construção da consciência corporal.

A utilização do jogo viabiliza um ambiente inédito para uma atividade que, devido às suas características, possa parecer muito complexa para ser realizada (Brougère, 1998; 2010; Caillois, 2017; Huizinga, 2010).

Como material de apoio, utilizamos as obras *Guia Metodológico de suas práticas pedagógicas e técnicas circenses com o circo social (Escola Pernambucana de Circo, 2017)*; *Introdução à Pedagogia das Atividades Circenses*, v.1 (Bortoleto, 2008), e *Introdução à Pedagogia das Atividades Circenses*, v.2 (Bortoleto, 2010).

Quadro 1. Distribuição das aulas

Mês	Atividades
Abril	Alongamentos; bichinhos; Introdução às acrobacias individuais e posições básicas; jogos circenses.
Mai	Alongamentos; bichinhos; acrobacias individuais e coletivas; equilíbrios; jogos circenses.
Junho	Alongamentos; bichinhos; acrobacias individuais e coletivas; malabarismo; jogos circenses.
Julho	Férias
Agosto	Alongamentos; bichinhos; acrobacias individuais e coletivas; aéreas; jogos circenses.
Setembro	Alongamentos; bichinhos; acrobacias individuais e coletivas; aéreas; jogos circenses.

Fonte: Organizado pelos autores



No primeiro mês, as atividades realizadas tiveram o objetivo de conhecer as crianças, buscando compreender como elas se comportavam corporalmente diante de desafios motores. Muitas não tinham noção de que podiam realizar algumas atividades utilizando o corpo, objetos e outros materiais. A rotina sempre buscava a utilização do lúdico, como, por exemplo, na execução dos “bichinhos” - exercícios de força feitos com o próprio peso da criança, normalmente realizados em quadrupedia.

Acrescentávamos, após esse início, exercícios mais direcionados para as modalidades circenses, os fundamentos acrobáticos básicos (apoios invertidos – parada de cabeça e parada de mãos, rolamentos para frente e para trás, e estrelinha).

No segundo mês, com a as crianças já habituadas ao projeto, iniciamos o trabalho com atividades mais específicas, avançando para as modalidades circenses. Os alongamentos e os bichinhos já faziam parte do repertório, de modo que acrescentamos a essa rotina os movimentos ginásticos básicos (rolamentos e estrelinha). Iniciamos com as crianças a ideia de acrobacia coletiva. No início, todos gostariam de ser portô, mas foi necessária a nossa intervenção, explicando que elas fariam a portagem, mas dependeria da relação com o peso do seu volante. Foram feitas figuras em trios (Figura 2) e quartetos.

Figura 2 – Trio Acrobático



Fonte: acervo dos autores

Para a construção, lançamos desafios motores às crianças, por exemplo: em trios, teriam que fazer uma pose, mas só duas poderiam estar com os pés no chão. Também utilizamos *cards* com imagens, os quais as crianças viam e tentavam reproduzir. Nesta etapa, reforçamos a importância do outro para que a atividade acontecesse e para a segurança de todos. No equilíbrio, utilizamos pés de lata, rola-rola e andar no *slackline*, atividades realizadas em duplas, sempre com o auxílio de um monitor ou outra criança.

Nas acrobacias coletivas, a individualidade não tem espaço, pois representa um risco. Nesse

instante, as crianças devem se tornar um único corpo, comunicando-nos de forma contínua e configurando um corpo coletivo. O corpo, enquanto entidade, é uma linguagem em si mesma e, por meio da prática, aprimora a sensibilidade para compreender a mensagem transmitida pelo segundo corpo, possibilitando, assim, a fusão em uma entidade única (Araújo, 2017).

Passados os dois meses iniciais, começamos a trabalhar com atividades que envolviam objetos: os malabares, a lira e o tecido acrobático. O trabalho com malabares foi realizado com tules e barangandãs, e optamos por não acrescentar as bolinhas, pois tivemos dois feriados que prejudicaram o nosso planejamento. Já a lira e o tecido (trabalhamos com o tecido fechado/com o nozinho) foram incluídos no final das aulas.

Nas duas modalidades houve um período de estranheza por parte das crianças com o aparelho. Especulamos que isso ocorreu devido à altura do aparelho e o medo ao se colocar com a cabeça para baixo. Passado o estranhamento inicial, foi possível fazer figuras em posição invertida, como o esquadro<sup>2</sup>.

Tanto o tecido quanto a lira são aparelhos desafiadores que, por sua prática, ampliam significativamente o repertório motor da criança, desde que realizado com segurança. Eles contribuem para o aprimoramento da consciência corporal e estimulam a imaginação do praticante, proporcionando uma variedade ilimitada de movimentos e uma flexibilidade significativa nas regras de execução (Oliveira, 2019; Zaim-de-Melo; Rizzo; Godoy; Amaral, 2020).

## Metodologia

Para alcançar os objetivos delineados neste artigo, conduzimos uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. Conforme a abordagem de Lüdke e André (1986), esse tipo de pesquisa concentra-se em investigar algo singular, intrinsecamente valioso em si mesmo. A particularidade do estudo de caso residia na singularidade do cenário abordado: um projeto de extensão dedicado a crianças até então inédito nas vastas terras do Pantanal.

Participaram da pesquisa oito pais ou responsáveis pelas crianças e os dois monitores do projeto. Os dados foram levantados em entrevistas realizadas com os participantes, bem como por depoimentos que os pais ou responsáveis deixavam no grupo criado em um aplicativo, cujo objetivo era comunicação entre nós (responsáveis pelo projeto) e os responsáveis pelas crianças.

As entrevistas foram realizadas no último mês de projeto e gravadas em um aparelho *smartphone*, e depois transcritas. As questões versavam sobre o interesse das crianças, a adesão e permanência no projeto. De posse das transcrições, utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdos (Bardin, 2010); segundo a autora, na análise qualitativa, a atenção volta-se para a presença ou ausência de uma característica específica de conteúdo ou conjunto de características em um determinado fragmento de mensagem, com o propósito de realizar inferências. Os procedimentos da Análise de Conteúdo são: 1. Pré-análise; 2. Exploração do material, e; 3. Tratamento dos resultados, inferências e interpretação.

A partir da realização dessas etapas, inferimos as categorias de análise: 1. Adesão; 2. Preferência, e; 3. Permanência.

---

<sup>2</sup> A criança parte de uma posição sentada, escorregando o quadril para frente, levando seu tronco para trás e mantendo as pernas afastadas e estendidas.

## Resultados e Discussão

Os resultados serão apresentados com insertos da fala dos participantes da pesquisa.

### 1. Adesão

Quanto à adesão ao projeto, os resultados indicaram três motivos: a necessidade de atividade física (3 respostas); interesse em atividades circenses (3 respostas), e; combinar atividade física com atividade circense (2 respostas).

*Minha filha ficou mais interessada em atividades físicas, sendo que praticar alguma atividade física era uma necessidade que ela tinha, ela ficou muito interessada em continuar treinando nos outros dias da semana (Responsável 1).*

*Minha filha precisava fazer atividade física, mas tinha preguiça (Responsável 2).*

A necessidade de a criança fazer atividade física sob a ótica dos pais está intrinsecamente ligada à promoção da saúde. Souza e Mezzadri (2009) e Duarte (2012) apontaram ser a promoção da saúde o principal motivo de os responsáveis matricularem seus filhos em projetos de prática corporal. Os pais ou responsáveis dos *Pequenos Pantaneiros* corroboraram essa hipótese.

O imaginário circense é a segunda razão da adesão das crianças ao projeto *Pequenos Pantaneiros*. Na cidade de Corumbá, existe uma escola de circo, entretanto, ela não funciona no período matutino, não oferecendo oportunidade para as crianças que estudam na parte da tarde vivenciar as atividades circenses.

*Eu só tenho a agradecer pela iniciativa e desejar que as crianças de Corumbá tenham sempre projetos como este. Era o sonho da minha filha fazer aula de circo e ela está se realizando (Responsável 5).*

*Minhas filhas possuem muita imaginação em relação ao circo; quando eu soube do projeto, foi uma forma que eu encontrei de auxiliar nessa imaginação (Responsável 6).*

Combinar atividade física com atividade circense foi outra razão apresentada. Sabe-se da potencialidade do circo para a criança (Silva, 2015) e, com ela, muitos pais encontraram a maneira de levar o seu filho a uma prática corporal.

Para os monitores do projeto, o principal motivo da adesão ao projeto foi a gratuidade.

### 2. Preferência

As atividades circenses preferidas das crianças foram: acrobacias no solo (4 respostas) e tecido acrobático (4 respostas). Não encontramos na literatura motivos que explicassem essa preferência, mas especulamos que, como algumas crianças, ao iniciarem o projeto, já realizavam cambalhotas e estrelinhas, tiveram sucesso nas acrobacias de solo. Quanto ao tecido a razão é a mesma, provoca medo na criança a possibilidade de “voar”, o que dá asas à sua imaginação.



### 3. Permanência

As razões que levaram as crianças a permanecerem no projeto estão diretamente ligadas aos aspectos lúdicos que são imprimidos nas aulas.

*Ficou mais encantada com as atividades circenses e não vê a hora de chegar o dia das aulas (Responsável 1).*

*O lúdico, o brincar espontâneo fazem parte da aula. As aulas são muito desafiadoras, elas precisam muitas das vezes superar seus medos e limites, e o legal que sem se preocupar se faz certo ou errado (Responsável 6).*

*Um excelente projeto, onde as crianças aprendem brincando (Responsável 8).*

A opção pelos jogos circenses como metodologia de trabalho levou à construção de um clima lúdico, no qual o foco principal foi a criança se divertir. Em nossas ações, tínhamos em mente todas as possibilidades que as atividades circenses oferecem, nos preocupávamos em ensinar com segurança, mas o aprendizado da técnica vinha após a “diversão”. Nesse sentido, concordamos com Araújo (2017, p.54-55).

Mover o corpo e descobrir novas possibilidades de movimento promove novas formas de relacionamento com o mundo, pois produz novos sentidos subjetivos a nossa própria existência. A liberdade de criação deve ser a base de uma educação [...] para o desenvolvimento da corporeidade.

Já para os monitores do projeto, a permanência das crianças está diretamente relacionada à possibilidade de uma prática corporal democrática, em que quem a pratica consegue encontrar, no vasto número de possibilidades que o circo apresenta, algo que o surpreenda e consiga fazer com relativo sucesso (Oliveira; Dias; Godoy; Zaim-de-Melo, 2022).

*A presença de materiais incomuns para essas crianças, como tecido aéreo, lira acrobática, trampolim, malabares e acrobacias no solo despertou o interesse desses alunos em praticar essas novas experiências, o que os incentivou a permanecer no projeto (Monitor 1).*

*Atividades novas que, com toda certeza, não faziam parte do cotidiano escolar deles; a amizade também é um dos fatores que contribuem para eles permanecerem presentes em todas as aulas (Monitor 2).*

Outro fator levantado pelo Monitor 2 está relacionado aos laços que foram estabelecidos durante as atividades. Acredita-se que isso ocorreu em razão da necessidade de sempre ajudar o outro na execução de muitas atividades e, também, com a ênfase que sempre foi dada: naquele espaço, não se buscava a melhor execução, e sim o que a criança conseguia fazer de melhor.

## Considerações Finais

*Pinta de vermelho teu nariz  
Olha lá no espelho  
E sorri feliz  
(Balão Mágico)*

Essa é uma música simbólica do grupo Balão Mágico que, de certa forma, traduz o nosso sentimento quando falamos sobre os *Pequeños* Pantaneiros, sensação que é ampliada pelos resultados encontrados na pesquisa feita para este artigo.

Avaliar uma ação que afetou positivamente os seus idealizadores não é fácil, mas algumas questões precisam de reflexão: quando trabalhamos com crianças, precisamos entender a necessidade de rotina, que por razões alheias à nossa vontade precisou ser rompida, a mudança de horário do projeto gerou alguns problemas que acarretou a evasão de algumas crianças. Para o próximo ano, a manutenção do horário será prioridade. Outra questão que merece ser pensada é possibilidade de as aulas acontecerem duas vezes na semana, com menor duração, pois percebemos que algumas crianças cansavam na segunda hora de atividades.

A adesão ao projeto foi positiva por razões diversas, como já foi apontado, sendo a gratuidade e o fascínio que o circo desperta nas crianças e nos seus responsáveis as principais. Quanto à permanência, a principal razão foi a ludicidade das atividades desenvolvidas. A associação ao lúdico nos indicou estarmos no caminho certo, pois acreditamos na potencialidade das atividades circenses, tanto no ponto de vista do corporal quanto na formação estética da criança. Hoje, observamos cada vez menos crianças brincando nas ruas, e projetos como ao *Pequeños* Pantaneiros podem auxiliar na modificação dessa situação, mesmo que seja de maneira bem leve.

Novos estudos precisam ser realizados para que possamos ter mais dados sobre projetos de extensão de atividades circenses para crianças e, assim, estimular cada vez mais outras universidades a adentrarem na magia do circo.

## Referências

ARAÚJO, Julianna Augusta Bonfim. **Corpo ativo: vivências da corporeidade circense**. 2017. 61f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Educação, UNB, Brasília, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2010.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. **Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética**. *Cadernos de formação RBCE*, v. 2, n. 2, 2011. Disponível em: <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/cadernos/article/view/1256/651>. Acesso em: 19 set. 2023.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. **Introdução à Pedagogia das Atividades Circenses**. v. I Jundiá: Fontoura, 2008.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. **Introdução à Pedagogia das Atividades Circenses**. Vol. II Várzea Paulista: Fontoura, 2010.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PINHEIRO, Pedro Henrique Godoy Gandia; PRODÓCIMO, Elaine. **Jogando com o circo**. São Paulo: Fontoura, 2011.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. *Revista da FAGED*, Salvador, v. 24, n. 2, 1998.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 2010.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CARAMÊS, Aline de Souza; KRUG, Hugo Norberto; TELLES, Cassiano; SILVA, Daiane Oliveira da. Atividades Circenses no âmbito escolar enquanto manifestação de ludicidade e lazer. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 39, p. 177-185, 2012.

DUARTE, Simone Alano. **Motivos da adesão e permanência de crianças à prática do ballet clássico da companhia Studio d'arte, Criciúma – SC, sob o ponto de vista de seus pais**. 2012. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - UNESC, Criciúma, SC, 2012.

DUPRAT, Rodrigo Mallet; PEREZ-GALLARDO, Jorge Sérgio. **Artes circenses no âmbito escolar**. Ijuí: Unijuí, 2010.

DUPRAT, Rodrigo Mallet; BARRAGAN, Teresa Ontañon; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica, dança e atividades circenses. In: GONZÁLEZ, Fernando Jorge; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido (org.). **Práticas corporais e a organização do conhecimento**. Maringá: Editora da UEM, 2014. p. 119-157.

ESCOLA PERNAMBUCANA DE CIRCO. **Guia Metodológico de suas práticas pedagógicas e técnicas circenses com o circo social**. Recife: A Escola, 2017.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

LIMA, Jefferson da Silva; MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio; OLIVEIRA, Victor José de Machado. O planejamento da educação física com a educação infantil na perspectiva da sociologia da infância. *Zero-a-Seis*, v. 24, n. 45, p. 379-402, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/82234> Acesso em: 23 set. 23.

LIRA, Aliandra Cristina Mesomo; KRONBAUER, Gláucia Andreza. O circo e a educação dos corpos-criança: possibilidades formativas com espaço para o pensar e o fazer divergente. *Olhar de professor*, Ponta Grossa, v. 25, p. 1-21, 2022.

LOPES, Daniel Carvalho; SILVA, Erminia. Trajetórias circenses: a produção da linguagem circense por membros da família Chiarini na América Latina nos anos de 1829 a 1840. **Ensaio Geral**, Belém, v. 3, n. 3, p. 43-64, 2014.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Fernando Dias de; DIAS, Diogo Inácio, GODOY, Luís Bruno de; ZAIM-DE-MELO, Rogério. Circo nas aulas de Educação Física: para além do domínio motor. **Motrivivência**, v. 34, n. 65, p. 1-22, 2022.

OLIVEIRA, Letícia. **Ensino do tecido aéreo para crianças**: propostas de aulas. 2019. 90f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, SP, 2019.

SILVA, Daiane Oliveira da. **Desenvolvendo um cenário imaginativo circense pelo brincar e se-movimentar da criança**. 2015. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2015.

SOUZA, Doralice Lange; MEZZADRI, Fernando Marinho. Adesão e aderência da criança à atividade física regular: apontamentos para políticas públicas. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 20, n. 3, p. 441-452, 2009.

TYSKA, Saara; KROMBAUER, Glauca Andreza. Corpos que falam: comunicação não verbal em crianças participantes de oficinas de circo. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 18, e2220632, p. 01-18, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/20632>. Acesso em 23 set. 23.

VASQUES, Hugo Cavalcante; GARBELINI, Giovanna Sayuri; DE MARCO, Ademir. O circo na educação infantil: vivências e representações artísticas no desenho. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 60, e60124 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2019e60124>.

VIVEIROS DE CASTRO, Alice. **Elogio da bobagem**: palhaços no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; SOARES, Íris Costa; MARTINS, Ida Carneiro. Brincando de faz de conta: a fábula como enredo em aulas de Educação Física infantil. In: ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro de (org.). **Brincar e jogar**: dimensões teóricas e práticas. v.1. 1. ed. Fortaleza: Instituto Nexos, 2021. p. 256-268.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; RIZZO, Deyvid Tenner de Souza; GODOY, Luis Bruno de; AMARAL, Laurianne Sorrilha do. A utilização do tecido acrobático como conteúdo nas aulas de educação física escolar: um estudo com uma nona série do ensino fundamental. **Repertório**, Salvador, ano 23, n. 35, p. 63-86, 2020.